

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

SILVANA MINDUÁ VIDAL VERÍSSIMO

EDUCAÇÃO TRADICIONAL E O USO DA TECNOLOGIA NA INFÂNCIA GUARANI
KYRINGUE ONHEOVANGA HA'E JURUA MBA'E OIPORU ONHEMBO'EA PY



Florianópolis

2020

SILVANA MINDUÁ VIDAL VERÍSSIMO

EDUCAÇÃO TRADICIONAL E O USO DA TECNOLOGIA NA INFÂNCIA GUARANI

KYRINGUE ONHEOVANGA HA'E JURUA MBA'E OIPORU ONHEMBO'EA PY

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido à Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para a obtenção do Grau de Licenciada com ênfase na área de conhecimento ambiental.

Orientadora: Prof. Dr. Antonella Imperatriz Tassinari

Coorientadora: M^a Elis do Nascimento Silva

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Veríssimo, Silvana Minduá Vidal
Educação tradicional e o uso da tecnologia na infância
Guarani / Kyringue Onheovanga Ha'e Jurua Mba'e Oiporu
Onhembo'ea Py / Silvana Minduá Vidal Veríssimo ; orientador,
Antonella Imperatriz Tassinari , coorientador, Elis do
Nascimento Silva , 2020.
47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. educação tradicional. 3. infância Guarani. 4.
tecnologia. I. , Antonella Imperatriz Tassinari. II. ,
Elis do Nascimento Silva. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul
da Mata Atlântica. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos onze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 13 horas, na Sala 324 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora Co-orientadora Elis do Nascimento Silva e Presidente, Professora Sandra Benites, Membro da Banca, e Professora Clarissa Rocha de Melo, Membro da Banca, designadas pela Portaria nº 05/2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Silvana Minduá Vidal Veríssimo subordinada ao título: "Educação Tradicional e o Uso da Tecnologia na Infância Guarani / Kyringue Onheovanga Ha'E Juruá Mba'E Oiporu Onhembo' Ea Py".

Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesmo foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Sandra Benites, a nota final 10,0, da Professora Clarissa Rocha de Melo, a nota final 10,0, e da Professora Elis do Nascimento Silva, a nota final 10,0; sendo aprovada com a nota final 10,0. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata.

Florianópolis, 11 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Elis do Nascimento Silva

Prof. Clarissa Rocha de Melo

Prof. Sandra Benites

Candidato Silvana Minduá V. Veríssimo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Silvana Minduá Vidal Veríssimo, matrícula n.º16106618, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "Educação Tradicional e o Uso da Tecnologia na Infância Guarani/ *Kyringue Onheovanga Ha'e Jurua Mba'e Oiporu Onhembo'ea Py*", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita em tinta preta, legível como "Antonella Mmá Auvic".

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer muito Nhanderu por tudo.

Agradeço a todos que ajudaram durante toda essa minha caminhada como acadêmica dentro faculdade.

Agradeço muito a minha família, meus filhos Enzo e Marcelo mesmo que ele vive longe de mim nunca esqueço e esposo Adailton Moreira, minha sogra Fátima Moreira e assim todos que convivem comigo diariamente e que me deram força nesta caminhada acadêmica

À orientadora Antonella Tassinari e à coorientadora Elis do Nascimento Silva que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho, minha profunda gratidão pelo aprendizado que eu tive força de vontade e confiança que tiveram comigo

Aos professores da Licenciatura Indígena: Joziléia, Edviges, Natália e Nivaldo, Mauro Carvalho, professor Guarani, e da coordenação Ariana e Murilo.

A aldeia Yynn Moroti Wherá por me acolher, ao Cacique Hyral Moreira e Celita Antunes, por me darem a oportunidade de poder fazer parte da segunda edição curso de licenciatura intercultural da mata atlântica da UFSC.

Dona Rosa Mariane, que sempre esteve a disposição para falar ou conversar comigo - e sempre incansavelmente - rezava por todos, aprendi com ela humildade e compreensão das coisas como ter sentimento sinceros. Ela, que infelizmente já não está mais entres nós, é quem está e sempre estará brilhando do céu e cuidando olhando por todos nós.

XEREMBIAPO

Xeema xerembiapo amo mbe'uta nhemboae'a ha'e onheovanga reko kyingue régua, ha' gui mba'exapa nhama'e kyingue re, Juruá kuery mba'ere openaxa aym ikuai va'e há'e gui mba'exapa nhangareko nhande rekoa re.Ha'e amombe'uta kyingue ipuru'a javé há'egui, oiko ramo javé, há'egui ikakuaa ovya régua, há'egui amonbe'uta yma vê nhaneramoí há'e nhandejaryi kuery ikuai raka'e, há'egui mba'exa vypa ayn nhandekuery ju nhambo'ea aguâ nhandera'y kuery, mba'eretukyingue openavaxa Juruá kuery mba'ere ayn, ha'egui kyingueonhembo'e a régua nhanderekopy.

Nhande py: Nhandereko arandu; Juruá arandu; kyingue neovangaa.

RESUMO

O presente trabalho visa debater a educação tradicional Guarani e comparar ao uso da tecnologia pelas crianças nos dias atuais. Para isso, abordarei a importância do nosso espaço onde se vive para o processo educacional das crianças, que faz parte do nosso modo de viver e ser Guarani - o *Nhandereko* -, abordando as fases importantes para o desenvolvimento do ser das crianças desde a gravidez até a infância (*puru'a javé ha'egui, kyrin va'e, oikorire*). A partir das memórias de infância das gerações anteriores e da observação da infância de hoje na aldeia de M'Biguaçu (SC), meu objetivo é refletir sobre suas semelhanças e transformações com o uso da tecnologia. Busco também, neste trabalho, trazer a importância dos nossos processos de ensino e aprendizagem para valorizar a infância das crianças guarani e fortalecer nosso *Mbya Reko* (costume, tradição e modo de viver e de ensinar) para que nossa cultura continue. Nesse sentido, proponho a criação de um “espaço de convivência” para as crianças guarani que ainda não frequentam a escola.

Palavras-Chave: educação tradicional; tecnologia; infância; Guarani.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 – Suellen grávida e seu marido Anildo. Foto: Maristela Giassi | 19 |
| FIGURA 2 – Daniela grávida. Foto: Daniela Moreira | 19 |
| FIGURA 3 – Minduá grávida de 7 meses. Foto: Silvana Minduá, 20/01/2017 da autora | 19 |
| FIGURA 4 – Recém-nascida May Moreira de Souza, nascida em 11 agosto de 2019. Foto: da autora, 29/10/2019 | 20 |
| FIGURA 5 – Enzo Karai Nhembodjere recém-nascido 22/02/2017 | 20 |
| FIGURA 6 – Renan Tataendy Moreira Fernandes, nascido em 21 de julho de 2019. Foto: da autora, 28/11/2019. Ele tem quatro meses, processo importante seu desenvolvimento de coordenação motora e, mas também as relações afetivas com as pessoas mais próxima da família além da sua mãe. | 21 |
| FIGURA 7 - Ciclo de vida Guarani. Elaborado pela autora e Elis do Nascimento Silva, 17/01/2020 | 22 |
| FIGURA 8 – Mapa da Aldeia M'Biguaçu Yynn Moroti Wherá, elaborado na disciplina de Cartografia da LII / UFSC, 2019. | 29 |
| FIGURA 9 – Nas minhas observações e convívio na aldeia presenciei crianças realizando atividades com os mais velhos a partir de suas próprias descobertas. Nesta imagem, uma criança de dois anos despertou sua curiosidade ao ver os avôs trabalharem a terra com a enxada, repetindo a prática. Foto: da autora, 10/11/2019. | 30 |
| FIGURA 10 – Enquanto uma reunião de professores e alunos era realizada, essas crianças estavam entretidas com os joguinhos de celular. Foto: da autora, 26/11/2019. | 30 |
| FIGURA 11 – Num sábado pela manhã, perto da estufa das hortaliças, as crianças estavam brincando perto da mãe que capinava o terreno. Reforço a importância de socialização, da brincadeira entre as crianças e o respeito dos adultos diante desse evento. Foto: da autora, Março/2018. | 31 |
| FIGURA 12 – Durante a realização de um ensaio para a cerimônia espiritual do Xondaro, em agosto de 2019, crianças brincam um brincar descontraído, muito embora, acompanhando seus pais ali próximos. Foto: da autora, Agosto/2019. | 31 |
| FIGURA 13 – Enzo auxilia a avó na horta. Gesto dos mais velhos é repetido pelos mais novos. Aprendizado compartilhado. Foto: da autora, Novembro/2019. | 32 |
| FIGURA 14 – Colheita do milho para a cerimônia do batismo, em outubro de 2018. | 32 |
| FIGURA 15 – As crianças podem acompanhar seus pais a Opy (casa de reza) para participar de atividades, mas não são obrigadas. Nessa imagem, elas brincam. Foto: acervo da comunidade, 2018. | 33 |
| FIGURA 16 – O espaço de dança do Xondaro é muito importante para comunidade. Ali é feito alguns ensaios do coral, aulas e palestras, ou até mesmo, as reuniões. Foto: | 33 |

Santiago Oliveira, Setembro/2019.

- FIGURA 17** – Enzo assiste vídeos no Youtube 34
- FIGURA 18** – Adailton Moreira e seu filho Enzo karai Nhembodjere Aprendizado compartilhado. Foto: da autora, novembro/2019. 34
- FIGURA 19** – Aos finais de semana as crianças brincam acompanhadas dos pais no campo de futebol. Foto: da autora, outubro/2019. 35
- FIGURA 20** – Cotidiano em casa. Manhã durante a semana. O mais velho estuda de tarde (centro da foto comendo uma banana). As três crianças ainda não frequentam a escola. Os quatro assistem o desenho da Patrulha Canina, mas o pequeno Ryan joga ao tablet. Foto: da autora, 27/11/2019. 37
- FIGURA 21** - Mesmo com outras atividades, o aparelho celular chama muita atenção das crianças. Ryan (ao meio da foto) joga ao tablet. Crianças deixam os carrinhos e outras atividades lúdicas pelo celular. Foto: da autora, outubro e novembro de 2019. 38
- FIGURA 22** - Crianças da aldeia ao celular e ao tablet. A influência das novas tecnologias. Foto: da autora, novembro/2019. 38

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 13 |
| INTRODUÇÃO | 15 |
| | |
| CAPÍTULO 1 - MEMÓRIAS DA INFÂNCIA GUARANI | 18 |
| 1.1 APRESENTAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA GUARANI | 18 |
| 1.2 AS FASES DA VIDA E DO DESENVOLVIMENTO DA <i>KYRIN VA'E</i> (CRIANÇA GUARANI) | 19 |
| 1.3 A INFÂNCIA DAS GERAÇÕES ANTERIORES (INFÂNCIA NO TEMPO DOS ANTIGOS) | 23 |
| 1.4 MINHA MEMÓRIA DE INFÂNCIA | 25 |
| 1.5 INFÂNCIA DOS MEUS FILHOS | 26 |
| | |
| CAPÍTULO 2 - INFÂNCIA GUARANI NA ATUALIDADE | 27 |
| 2.1 A IMPORTÂNCIA DE FORTALECER A EDUCAÇÃO TRADICIONAL | 27 |
| 2.2 ALDEIA M'BIGUAÇU-SC | 28 |
| 2.3 BRINCADEIRAS: OCASIÕES EM QUE AS CRIANÇAS BRINCAM (COMO AS CRIANÇAS BRINCAM HOJE) | 30 |
| 2.4 INFLUÊNCIAS DAS TECNOLOGIAS NA INFÂNCIA GUARANI (HOJE) | 34 |
| 2.5 SITUAÇÕES LINGUÍSTICAS NA INFÂNCIA | 39 |
| | |
| CAPÍTULO 3 - PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA PARA AS CRIANÇAS GUARANI | 41 |
| | |
| 3.1 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA | 42 |
| 3.2 OBJETIVO GERAL | 42 |

| | |
|-----------------------------|----|
| 3.3 JUSTIFICATIVA | 43 |
| 3.4. METODOLOGIA | 43 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 45 |
| REFERÊNCIAS | 47 |

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho visa apresentar os contextos e desafios da educação das crianças Guarani nos tempos atuais. Considerando a comunidade da aldeia M'Biguaçu, na Terra Indígena *Yynn Moroti Wherá*, localizada no município de Biguaçu (SC), a pesquisa foi realizada com crianças, pais, educadores e também com os sábios, chamados de *Xeramõi* e *Xejaryi*. O foco é a educação de crianças na primeira infância, de 3 a 5 anos de idade, nos diversos contextos em que vivem e circulam, como nos espaços domésticos e na aldeia.

Meu interesse em refletir sobre este tema veio de minha experiência quando eu fazia magistério para educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental e médio no Colégio Estadual Visconde de Guarapuava (PR), de 2008 a 2012. Naquela época eu morava na aldeia Rio da Areia, no município Inácio Martins (PR), onde fiz estágio de observação no berçário, jardim de infância I, jardim de infância II. Nesse curso de magistério eu aprendi muito como ensinar as crianças e olhar pela educação dos pequenos alunos. Também trabalhei com alguns professores e profissionais da coordenação pedagógica que buscavam muito a qualidade da educação básica na escola.

Durante o curso de magistério, comecei a trabalhar com uma turma de educação infantil na Escola Estadual *Arandu Miri*, que fica na aldeia Rio da Areia, comunidade em que eu morava. Nesta escola, tive a oportunidade de trabalhar junto com uma pedagoga muito dedicada que me ajudou a pensar sobre como ensinar as crianças e explorar seus conhecimentos já adquiridos fora da escola, olhando as necessidades de cada criança dentro e fora da sala de aula. Para isso, participava bastante do cotidiano da aldeia e das famílias, onde pude observar e compreender melhor cada situação em que as crianças conviviam dentro das famílias e nas interações sociais.

Nessas observações e convivências, pude perceber algumas mudanças na rotina das crianças, que passaram a assistir mais televisão e a jogar vídeo game ao invés de brincarem entre elas nos espaços da aldeia, surgindo em mim alguns questionamentos e também preocupação, pois no meu tempo de infância não conhecia as tecnologias.

Desde 2015, moro na aldeia M'biguaçu e sou mãe de dois filhos, Marcelo *Tupã* (12 anos) e Enzo *Karai Nhembojere* (3 anos). Ao refletir hoje sobre o conceito de ensino e aprendizagem na educação tradicional guarani e sobre o desenvolvimento da criança, percebi algumas transformações de como era na minha infância e como é agora com a tecnologia muito presente na vida das crianças da comunidade que ainda não entraram na fase escolar.

Um exemplo próprio das minhas memórias da infância, no meu tempo ainda não existia tanta interferência de tecnologias e os pais também não saíam tanto para trabalhar fora da aldeia, ficavam mais nas lavouras e no plantio para o próprio sustento da família e do grupo ou comunidade em que viviam.

Por isso, com esse trabalho, espero oferecer uma alternativa para que as crianças de hoje possam ter um pouco daquela experiência, através da proposta de um espaço de convivência.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, e aborda sobre a educação tradicional e infância guarani desde a gravidez até os cinco anos (momento antes das crianças serem inseridas na escola), para pensar sobre o uso e influência da tecnologia durante o processo de desenvolvimento de cada criança.

Meu objetivo neste trabalho é valorizar a educação tradicional e infância guarani, refletindo sobre as fases de desenvolvimento e aprendizagem das crianças a partir da concepção e modo de ser guarani.

A partir de minha memória de quando eu era criança e dos relatos das entrevistas que fiz com os pais, mães e avós da comunidade, busquei compreender como eram as infâncias nas gerações anteriores e as mudanças ou semelhanças que ainda existem nos modos de ensinar, aprender e interagir durante a infância guarani. Meu olhar se voltou para o registro dos cuidados das crianças da família dentro comunidade, buscando conhecer mais as crianças e perceber as necessidades de cada uma delas no que se refere à aprendizagem. Nas entrevistas, busquei refletir junto com as pessoas entrevistadas sobre os usos das tecnologias e como elas têm influenciado na educação durante o processo de desenvolvimento na infância das crianças Guarani hoje.

Deste modo, esta pesquisa traz reflexões sobre a infância guarani comparando como ela vem se transformando ao longo das gerações com o uso das tecnologias na primeira infância na atualidade. Pra mim essa questão tem sido uma preocupação, pois penso que é importante saber como o uso da tecnologia pode interferir no desenvolvimento da criança e quais os meios de trazer equilíbrio nesse uso.

O que me chamou atenção neste tema foi o fato de que as crianças Guarani estão perdendo parte de sua infância com as influências da tecnologia. Durante minhas observações, percebi que as crianças ficam em casa com seu avô ou seus irmãos, algumas vezes com seus pais, mas o que acontece muito é que as crianças estão muito conectadas no mundo digital como celulares, jogos, videogames, TVs, entre outros. E até que ponto a tecnologia influencia no processo de desenvolvimento de cada criança dentro da educação tradicional? Também é de grande reflexão pensar a melhoria das relações e diálogo entre a educação tradicional e o uso da tecnologia pelas crianças Guarani na comunidade, pois não se tratam do mesmo processo de conhecimento. Portanto, a influência do uso de tecnologia traz certa maneira, ou

seja, outro entendimento de educar na educação tradicional dentro comunidade e das famílias. Para entender a educação durante a infância guarani, precisamos olhar e refletir as relações e cotidiano de cada criança dentro na família e na comunidade.

Ao focar nas crianças Guarani, minhas expectativas são para valorizar a infância e fortalecer o modo de vida da comunidade mesmo com grande influência das tecnologias que estão cada vez mais presentes na atualidade da comunidade de M'biguaçu, como os brinquedos eletrônicos, mídias, celulares e videogames. Hoje em dia é normal que as crianças estejam conectadas ao celular, mas até que ponto isso é saudável? As crianças já não brincam tanto quanto antes, tem perdido o convívio social entre elas, causando sedentarismo, somado ao fato da necessidade de os pais terem que trabalhar também fora da aldeia.

Cada povo tem seus princípios e as percepções da própria cultura para fazer com que as crianças aprendam o que é preciso, porque isso servirá quando for adulto (TASSINARI, 2017; CONH, 2013). Na concepção guarani, o ensinamento e aprendizado da criança são a base para o desenvolvimento de todas as fases do ser humano, sendo que o modo de ensinar as crianças é variável em cada comunidade. Nesse processo de ensino e aprendizagem das crianças, os pais, os avós, entre outros familiares mais próximos, são bem importantes.

Para fazer minhas análises, realizei esta pesquisa através do método da educação tradicional guarani - a oralidade -, das entrevistas com avós, os pais e professores, de minha participação e observações que fiz durante alguns eventos e atividades comunitárias realizadas na aldeia, como: cerimônias e batismo na *Opy* (casa de reza), também na busca da visão (que dura uns quinze dias), dança do Xondaro (que dura quatro dias) e em grandes reuniões com a comunidade e de lideranças, e momentos de lazer. Também observei e participei dos mutirões que sempre acontece nos fins de semana também em algumas atividades diárias por algumas famílias, ocasiões na vida particular das famílias das crianças, interagindo e acompanhando o dia a dia delas quando os pais trabalhavam e quando a mãe fazia artesanato na casa. Para fazer os registros, usei o gravador de áudio e de vídeo, caneta, cadernos e câmera fotográfica.

Este trabalho pretende demonstrar também o quanto os aspectos educativos das crianças, a partir da interação com suas famílias, podem e devem dialogar com os futuros conteúdos curriculares, de certa maneira mais próximo possível de uma educação tradicional na infância.

A comunidade não conta com a oferta de educação escolar infantil e não tem interesse na criação de uma creche para atender as crianças nessa faixa etária. Por isso essa pesquisa me ajudou a olhar e me aprofundar mais nos meus conhecimentos em relação ao

tema da infância na cultura Guarani e propor, como parte deste trabalho, um projeto de um “espaço de convivência” na aldeia baseado no *Nhandereko*. Proponho que esse espaço possibilite ensinar brincadeiras e fazer atividades tradicionais de nossa cultura com as crianças que ainda não frequentam a escola da comunidade, valorizando a infância e o desenvolvimento de cada criança.

CAPÍTULO 1 - MEMÓRIAS DA INFÂNCIA GUARANI

Neste primeiro capítulo vou falar das memórias da infância Guarani. Farei uma breve apresentação da infância Guarani, e depois falar das fases da vida da criança, das gerações anteriores, das minhas memórias de infância e de meus filhos.

1.1 Apresentações sobre a infância Guarani

O modo de ensinar e aprender durante a infância estão ligados no sistema de vida que engloba o *Nhandereko*¹ que é para o bem comum da comunidade, porque assim faz com que a criança aprenda desde a fase inicial do crescimento, de maneira natural de olhar, observar, interagir e acompanhar no seu convívio diário, por isso é importante saber que as crianças também farão parte no futuro da família, ou seja, seu povo, da comunidade.

No conceito de gerações anteriores e até hoje dentro da cosmologia Guarani, as crianças são sagradas e, por isso, são respeitadas pela família e por toda comunidade acredita-se que as crianças que nascem na comunidade guarani ou dentro do povo Guarani têm privilégio de crescer conviver com os pais, avós e todas as pessoas ao redor diariamente, sendo bem importante o papel dos pais de ensinarem seus filhos e repassar seus conhecimentos.

Nesta parte é muito interessante, pois, a brincadeira e o trabalho andam juntas, as crianças não trabalham forçados, brincam e ao mesmo tempo vão fazendo os afazeres. Para as crianças o trabalho na roça é parte de um aprendizado que deve realizado durante o período da infância, sendo que não deve ser visto como um trabalho. Mas isso só acontece nos períodos de plantio, ou de colheita. O resto do tempo as crianças brincam, de fazer pequenas armadilhas, nadando no açude ou nas valetas onde há água. Além de brincarem de pega-pega, bola, ou de carrinho, boneca e outras brincadeiras. (MARTINS, 2015, p.39).

Esta aprendizagem é importante para garantir que, quando for adulto, possa contribuir e levar esses conhecimentos para toda vida, que na verdade é um conhecimento e sabedoria repassada pelos pais pelos avós e anciões. Eram assim essas concepções sobre crianças guarani antes dos contatos dos ocidentais, ou seja, antes da colonização, como sabemos que em todo momento as coisas que mudam e se transformam e ainda hoje

¹O Nhandereko para nós Guarani é modo tradicional de relações sociais da comunidade e de todas as coisas que existe ao nosso redor (pessoas, território, natureza, animais, grande espírito, etc.).

acreditamos ainda que algumas das crianças já vêm ao mundo com algumas missões algumas das crianças nascem com dom de ensinar de liderar, e assim sucessivamente isso vem desde nossos ancestrais do povo.

1.2 - As fases da vida e do desenvolvimento da *kyrin va'e* (criança Guarani)

Vou apresentar neste momento as fases da vida da criança que são muito importantes para seu desenvolvimento e aprendizagem, esta pesquisa visa diagnosticar a realidade da educação da criança Guarani em sua primeira infância e levantar aspectos relevantes para trazer a importância do ensino e aprendizagem tradicional das crianças para valorizar e fortalecer a cultura Guarani.

Evidencia-se que a percepção e a vivência de tais conhecimentos se dão nas atividades cotidianas em que, em meio de brincadeiras e responsabilidades, as crianças encontram companhia de outras, e relação entre pai, mãe, avós e tios, descobrindo, compartilhando e retransmitindo uns aos outros. Logo se percebe que toda a consequência e acontecimento que vem a acontecer com a fase adulta têm relação direta com o respeito das regras na infância. Constrói-se na infância toda a fase aprendizagem e compreensão com o mundo, assim como nos cuidados da gestação, e dos pais. (MARTINS, 2015, p.53).



Figura 1 – Suellen grávida e seu marido Anildo. Foto: Maristela Giassi.

Figura 2 - Daniela grávida. Foto: Daniela Moreira.

Figura 3 - Minduá grávida de 07 meses. Foto: Silvana Minduá, 20/01/2017 da autora.

Kyringue é o termo usado para criança (singular) e **mitakuery** para as crianças no plural ou na concepção de geral. No Paraná usamos mais **Kyringue** e em Santa Catarina ouço mais **mitakuery**. Tem o mesmo significado dentro cultura guarani, mas palavra e variável, pois tem vários dialetos e depende onde vivem grupos ou comunidades guarani de do modo

ensinar e estimular a criança para seu desenvolvimento socialização de aprendizagem para ter autonomia no futuro.

Ipuru'a régua- gravidez antes do nascimento, dentro do ventre da sua mãe, mas já é um ser com espírito preparando para o mundo. Quando falamos sobre nossas crianças a fazemos reflexão sobre o mundo dos nossos bebes, não poderíamos esquecer-nos de falar sobre a nossa gravidez, por que antes de tudo com nossas crenças e religiosidade, a gravidez é um presente de *Nhanderu Tenonde*. O nosso Criador está acima de tudo, nós acreditamos que nos acolhe e cuida protege, nos ensina para ser bons com nosso próximo, dá toda sabedoria e conhecimento para que nós possamos viver em harmonia com tudo e todas que no rodeia. Então, é importante falar dos cuidados que mulher deve ter durante e processo da sua gravidez, porque acreditamos que um espírito de uma criança é puro, é ele que nos escolhe para vir ao mundo em que vivemos e já o consideramos um ser quando está dentro da barriga da mãe, que representa muito para nós também dentro nossa religião. Todos os cuidados são necessários para que a criança venha nascer com alegria e saúde para sua família.

Por isso durante minha gravidez tive cuidados nos primeiros meses para não usar colar no pescoço, e não usar pulseira, não usar muito objetos cortantes, dentro do possível não ficar muito parada sempre estar em movimento. E isso já ouvia minha falecida avó falando para nós quando eu era criança, a minha sogra também fala isso, o mais importante ter pensamentos positivos, passar sentimentos de alegria e de carinho pelo nosso bebê.



Figura 4 - Recém-nascida May Moreira de Souza, nascida em 11 agosto de 2019. Foto: da autora, 29/10/2019.

Figura 5 - Enzo Karai Nhembodjere recém-nascido 22/02/2017.

Considero este caminho o essencial para que os momentos vividos e as memórias da infância possam ser valorizados pelas crianças e pelos pais também, sendo importante para desenvolvimento de aprendizagens das crianças que ampliem os seus conhecimentos e desenvolvimentos no convívio cotidiano, favorecendo para que tenha uma percepção maior sobre sua cultura sua identidade.

Então para explicar o entendimento do modo de ensinar aprender guarani, devem ser respeitados todos os processos de desenvolvimento de cada criança.



Figura 6 - Renan Tataendy Moreira Fernandes, nascido em 21 de julho de 2019. Foto: da autora, 28/11/2019. Ele tem quatro meses, processo importante seu desenvolvimento de coordenação motora e, mas também as relações afetivas com as pessoas mais próxima da família além da sua mãe.

Oiko ramo i va-/mitã pytã é o recém-nascido de 0 a 06 meses, novo processo que vem ao nascer. Traduzimos para o português por “vermelhinho” (*pytã* = vermelho e *mitã* = criança).

Mitaguaxu va`e/kyrin guaxuokambu va`e - espíritos da criança que já estão aqui neste mundo que vivemos quando ainda precisa do colo e os cuidados da mãe e da família. Esta é a fase de construção social da comunicação, quando a criança está entre 06 meses a 02 anos; esta fase ainda de amamentação ainda precisa atenção e cuidados, mas já está na fase engatinhar e iniciando os primeiros passos para andar e tentar se comunicar com os adultos.

Kyringuaxu uguata va`e quando a criança tem 03 a 05 anos de idade. Quando a criança aprende a brincar a jogar já e visível a interação social e sua comunicação com pessoas de toda a idade. A autora Sandra Benites, em um trecho do seu TCC, traz informações semelhantes da concepção guarani e fala da importância das brincadeiras (*nhevãga*) das crianças que com ela se ensina a respeitar e a interação social entre com eles.

Então, para nós Guarani *nhevãga* é sagrado. Quando os mais velhos falam: Tupã kuery onhevãga, no momento das brincadeiras deles - sabemos que eles estão brincando quando está trovejando, relampeando no céu, sem amã, oky - chuva, ou quando cai pouquinho amã, oky - é nesse momento que devemos respeitar muito. Geralmente, ficamos em silêncio, dentro de casa, quando eles estão assim. Não podemos fazer nada, nenhuma atividade. Nós ficamos em silêncio. Se desrespeitarmos, podemos ser atingidos por um overa. A interação das mitã com outras kuyringue - crianças é importante para o vuy'aporã. (BENITES, 2015, p. 16).

Essa pesquisa tem como foco essa fase da infância.

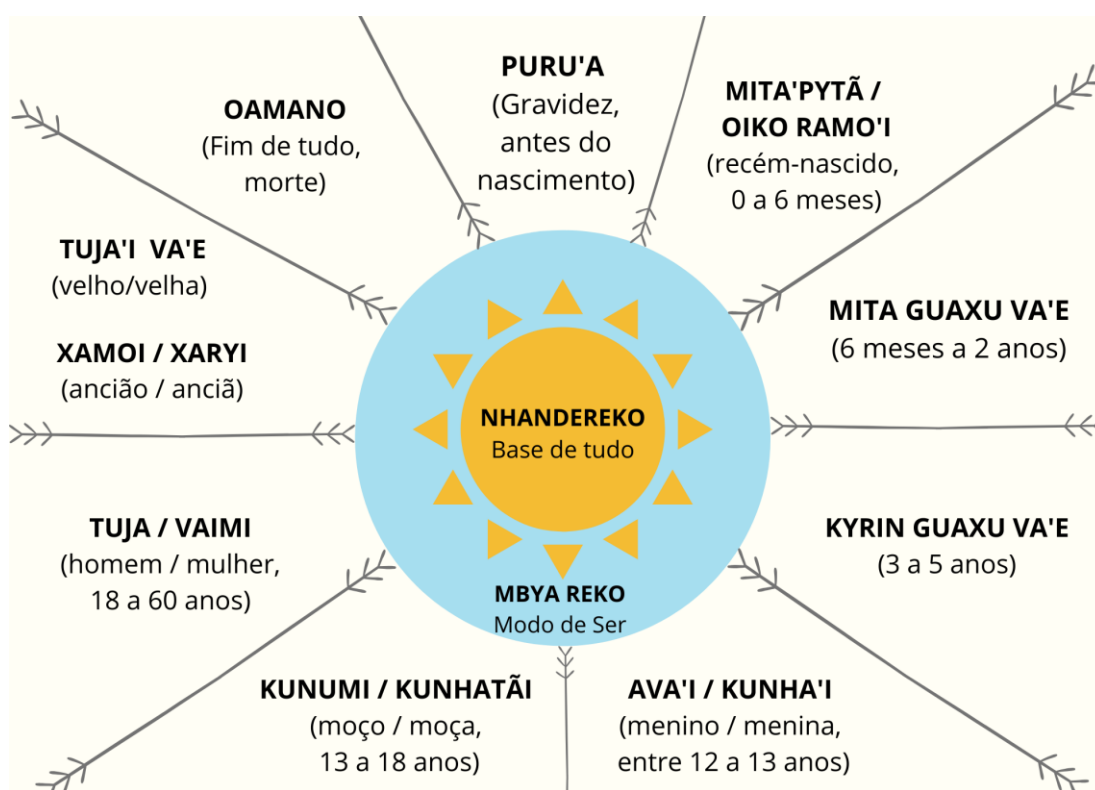


Figura 7 - Ciclo de vida Guarani. Elaborado pela autora e Elis do Nascimento Silva, 17/01/2020.

Ava'i (masculino) e kunha'i (feminino). Mais ou menos entre 5 e 12 ou 13 anos. É uma fase que a criança tem mais autonomia, mas ainda tem restrições sobre as responsabilidades que pode assumir. Depende da força do seu corpo, se vai realizar certas atividades ou não. Também aprendem atividades e conhecimentos próprios de cada gênero. Aqui já começam a aprender sobre as mudanças que vão acontecer no seu corpo como menino ou menina.

Kunumi e kunhatãi, quando as meninas e os meninos estão passando pelo processo da puberdade, podemos traduzir para adolescentes, mocinho e mocinha, respectivamente, idade que vai até aos 18 anos ou quando tem filhos.

Tuja hae (masculino) - vaimivae (feminino) – mulher e homem, quando se tornam ambos adultos, a partir dos 18 anos ou quando se tornam pessoas responsáveis, casam e/ou tem filhos e netos. As pessoas são assim chamadas até aproximadamente 60 anos.

Tuja'i va'e-velhinho vaimi'i va'e-velhina de 60 anos para cima.

1.3 Infâncias nas gerações anteriores (Infância no tempo dos antigos)

Nesse item vou falar sobre o que me contaram meu pai, minha avó, meus tios, e também as pessoas que entrevistei durante minha pesquisa, as quais têm entre 25 a 70 anos.

Os pais, os mais velhos e anciãos da comunidade têm como propósito que as crianças desde pequenas aprendam um pouco de tudo, acompanhando-os nas atividades do dia a dia, pois sabem que desde os tempos remotos dos nossos antepassados são importantes para formação seus filhos.

Entretanto, para as crianças de 3 a 5 anos, essa participação nas atividades cotidianas não é exigida por nós. Até porque, como a criança estava sempre junto da família e da comunidade, acompanhavam as atividades diárias, sem serem obrigadas a participar. Sem serem exigidas, as crianças acabam imitando e querendo fazer o que os adultos estão fazendo. Cada família, os pais ou avós cuidavam das crianças, pois conhecem e respeitam o tempo certo de cada criança para serem ensinadas, valorizando cada etapa do seu desenvolvimento de aprendizagens na sua infância para aprenderem a se unir nas brincadeiras.

Minha avó Olivia Kerexu Veríssimo, falecida em 2013, me contava que as crianças tinham o costume de tomar banho no rio (claro se a crianças forem menores e sempre acompanhados pelos irmãos mais velhos ou até mesmo os pais). Até meu pai contava que quando eles eram mais novos meus bisavôs e o meu avô costumavam levar os meninos para dar banho no rio bem cedo depois eles iam se esquentar ao redor de um grande fogo. Meu pai conversava às vezes comigo e com meus irmãos mais velhos e ainda dizia que ele não era tão rígido a ponto de fazer conosco o que meu avô fazia com eles, mesmo assim, ele agradecia muito por ele ter aprendido muita coisa com seu pai.

Ainda lembrava que eles brincavam muito de acertar o alvo com arco e flecha até com as pedras, e muitas vezes as crianças entravam no mato mesmo, muitas árvores em

contato direto com a natureza, com animais entre outras coisas. Tudo isso era importante e era umas das atividades diárias das crianças, como ouvir histórias contadas pelas avós e pelos pais em qualquer momento em rodas de conversas em volta do fogo ou ouvir os cantos infantis era como entretenimento para crianças de várias idades. No tempo de minha avó e de meu pai, o modo de vida era bem diferente do que é hoje, muito ligado ao tempo da natureza. Assim que o sol se punha e escurecia, todos se recolhiam para as casas. Minha avó tinha costume de dormir cedo e acordar cedo, ela não usava relógio, como todos da família, meus tios, tias meus pais, mas como a maior parte da minha infância foi com minha avó, eu também tinha costume de dormir cedo. Antes a minha avó gostava de contar um conto ou uma história, uma coisa interessante que, contudo, quando ela terminava de contar uma história sempre tinha alguma reflexão ou uma lição de moral no final da história. Então, com se fala das suas lembranças de quando era crianças ainda há semelhanças, como relata Helena Takua Potydju:

Lembro muito de quando eu criança, no meu tempo não tinha brinquedo e se tinha eu não sei, só sei que eu não tinha brinquedos, eu as minhas irmãs brincavam de boneca é era feita de espiga de milho, brincava de "faz de conta" de cada uma morava em aldeia diferente então fazia de conta que eu se visitava com nossos filhos, disso eu lembro bastante, hoje tem bastantes brinquedos para as crianças... (Entrevista com Helena Takua Podydju, 49 anos)

Com isso quero ressaltar que sempre existiu essa preocupação dos pais ou até mesmo de todas as famílias de ensinar as crianças para que no futuro reconheçam o valor de tudo que se aprendeu durante sua infância. Quero mostrar a importância de valorizar cada processo de aprendizagem, inclusive da brincadeira.

Os pais sabem as necessidades como e quando deveriam ser ensinadas culturalmente as crianças. Ao chegarem à fase de aprender a falar, eles aprendem sua língua (no caso, guarani) ouvindo muitas histórias contadas, canções cantadas e lições morais ensinadas desde cedo pelos (xaryi e xamoi são chamado quando uma mulher ou um homem têm netos /xerarmoi e xejaryi e chamado com muito mais significado mais pessoal por exemplo quando vou dizer meu ou minha avó), pelos avós e pelos pais. Pois uma criança guarani aprende observando diariamente no simples ato de dizer um bom dia pra mãe e pai já e um aprendizado da criança. Então sabe se que é essencial a sua convivência, e que tem relevância em contribuir durante todos os processos das fases dos desenvolvimentos de crianças para seguir e acompanhar nas atividades diárias futuramente. Um ritual é importante que seja valorizado, as narrativas eram comuns naquela época da minha avó, ela falava sobre essas

coisas vezes, porque assim desde cedo à criança já cresce nesse convívio e com uma relação social muito forte entre as suas famílias e com outros.

1.4 Minha memória de infância

Desde que eu me lembro de quando eu era criança, eu vivia muito mais tempo com minha avó, tinha outras meninas e alguns meninos que todos eram primos e primas, umas das coisas que lembro bastante é quando brincávamos muito no rio grande que tinha na aldeia, às vezes nós pescávamos peixes com lençol ou sacos e alguns balaios que também eu gostava muito, e usávamos plantas que deixavam os peixes ficar atordoados. Subíamos muito nas árvores e não tínhamos medo.

À noite ouvíamos minha avó contando algo engraçado, alguns contos e também contava sua história. Ela fazia pequenas lavouras e plantava mandioca, batata, feijão e arroz também eram plantados. Ela socava o arroz no pilão para cozinhar para a gente comer. Ia buscar frutas no mato com a minha tia, e as carnes que nós comíamos era carne de tatu e veados e alguns passarinhos como aperitivos. Minha avó a minha mãe também fazia pequena armadilha para pegar passarinho para gente comer e meus tios faziam armadilhas no mato para pegar tatu. Tomávamos muito o caldo de jerivá que é um coquinho, também era comum tomarmos suco de mel no café da manhã.

Eu me lembro de algumas brincadeiras que era subir nas árvores para brincar de pega-pega, e de esconde-esconde, ladrão de melancia, mamãe e filhinha com boneca de espiga de milho ou feita de pano, etc. Roda cutia que era cantada em guarani, brincadeira de faz de conta, carrinho de madeira (tibauva)

O bom disso é que ela não era brava, tinha paciência, lembro que ela só pedia para gente acompanhar ela nas atividades que ela fazia como cestos de taquara e alguns balaios. Às vezes ela levava para trocar pelo leite dos fazendeiros que moravam perto da aldeia, outros balaios que era para uso próprio. Eu não tinha brinquedos, mas minha avó fazia boneco de palha de milho. Não tinham espaços limitados às crianças, lembro que participava bastante quando tinha a concentração, ou seja, cerimônias dos xamoi kuery na casa de reza. Como não podia fazer bagunça, sempre dormia mais cedo dentro da Opy. Adorava acordar com um canto tão suave que me fazia sentir uma paz interior... disso nunca esqueço, era tão bom! Tinha sete anos quando entrei na escola. Amava brincar!

1.5 Infâncias dos meus filhos

Nos dias atuais eu trago também minha reflexão e o meu pensamento sobre a infância dos meus filhos, tenho dois: um com 12 anos e um com 3 anos. Meu primeiro filho sempre viveu e cresceu com a minha mãe, e o meu segundo filho está comigo atualmente. Ele já tem acesso a celular e TV, na minha época nem sabia que já existia telefone e TVs. Meu filho brinca um pouco, mas eu brincava mais que ele porque eu não tinha conhecimento sobre tecnologia, lembro-me da primeira vez que assisti TVs na casa da prima que o meu tio tinha acabado de comprar quando tinha 12 anos, trago essa reflexão sobre infância porquê de certa maneira mudou muita coisa. Como já citei acima sobre minha infância para comparar as semelhanças e mudanças que aconteceu conforme fui crescendo e hoje em dia já com meus filhos consigo perceber, até no hábito de dormir meu filho já não dorme cedo. Não só ele, mas os três primos dele porque assistem televisão ou estão jogando no celular. Também acordam mais tarde, não vejo mais nem os pais ou avós contar uma história para seus filhos e netos ou levar ou mostrar as coisas que fazem no dia a dia. As crianças acordam assistindo TV ou jogando no celular poucas vezes os vê brincar. Então esse hábito ou costume de ir dormir hoje mais tarde e levantar mais tarde, é diferente dos tempos da minha avó, dos meus pais e tios, e do meu também porque eu já não tenho mais o hábito de dormir cedo.

CAPÍTULO 2 - INFÂNCIA GUARANI NA ATUALIDADE

No capítulo dois vamos abordar a infância Guarani na atualidade, nesse especial, entre outros aspectos a importância e o fortalecimento da educação tradicional, a localização da aldeia e o dia a dia, com as práticas e as brincadeiras das crianças e os cuidados das mães e pais.

2.1 A importância de fortalecer a educação tradicional

Educação em si tem muitos questionamentos a serem discutidos, por isso os nossos antepassados sempre pediram, desde sempre, sabedoria de Nhanderu, que é essencial para que se possa adquirir e repassar nossos conhecimentos para o próximo, porque precisamos sempre fortalecer tudo que há de importante para nós e que é a nossa essência e ancestralidade do nosso povo como nossos costumes, tradição e espiritualidade. Pois o *nhanderu* nos dá *mbya arandu* para que possamos sentir o dever do ensinamento para crianças e isso é transmitido em diversos lugares onde aprende a fazer coisas como plantar, fazer artesanato e caçar, também sobre as relações sociais com outras pessoas e nos momentos específicos, como nos momentos mais espirituais.

Nosso sistema de vida, nossa história em geral, nossa cultura, no passado até hoje em dia, vemos os conhecimentos dos nossos antepassados sendo transmitidos na escola, na casa de reza, até mesmo na vivência com a família. É importante ressaltar que isso é um aliado para manter e continuar a repassar e ensinar. Porque hoje se vê de tudo o que está acontecendo, coisas ruins e boas no mundo, por isso é de grande importância a valorização e fortalecimento de uma educação da criança guarani na sua infância, sobretudo a educação tradicional, a criança precisa ter uma infância mais saudável e feliz, certamente com ajuda de conhecimentos dos nossos mais velhos da comunidade.

Neste caso também é preciso ter interesse por parte da comunidade e família de incentivar e valorizar e sempre fortalecer a nossa cultura e nossa identidade, mesmo tendo muita interferência de tecnologia hoje. Porque as crianças da nova geração já não sabem mais como era no tempo passado, e como foram os nossos antepassados como seus avôs e bisavós, mas se conseguirmos pelos menos um pouquinho repassar e ensinar um pouco de conhecimento que se tem que foi adquirido durante sua vivência na fase inicial de desenvolver e trabalhar com o corpo e mente, o que depende de cada necessidade cada

criança, com as famílias e com os avôs já vai ser um grande passo a mais, para mostrar a importância de fortalecer tudo que há na nossa cultura.

2.2 ALDEIA M'BIGUAÇU-SC

A aldeia antes de ser demarcada pelo *Juruá kuery* era um lugar de descanso (fala do seu Alcindo Whera Tupã), entrevista feita por (Ismael de Souza), dentro da sua pesquisa para conclusão do curso de licenciatura indígena na UFSC, era o mesmo que ficar e morar algum tempo, estrada onde o guarani fazia suas caminhadas era estrada de chão que atualmente é um BR principal e outro caminho que tinha era na beira do mar. Nos anos de 2000 e 2003, com grande luta as lideranças conseguiram a demarcação da terra. Como Aldeia Yynn Morotchi Whera (M'biguaçu), município de Biguaçu (SC), localiza-se as margens da rodovia BR 101 km 190. A aldeia possui mais de trinta anos, segundo a história contada pelos não índios, mas segundo a história contada por Seu Alcindo Whera Tupã, líder espiritual de 109 anos, com a influência na comunidade, a ocupação do povo Guarani começou há muito tempo, mas só foi delimitada em 1999 e homologada em 2003 (SALLES; PIERRI; CASTILLA; LADEIRA, 2015).

A comunidade Yyn Moroti Whera é regida por um cacique e seu vice cacique e também pela organização das mulheres, com lideranças de mulheres e homens. Na comunidade cada família tem sua moradia e são desenvolvidas atividades coletivas. Entre estas atividades está a limpeza da aldeia, os cuidados com a horta e a lavoura comunitária e a boa convivência. São eventos que acontecem na comunidade e são importantes para unir as famílias na responsabilidade e orientação das nossas crianças. Há também alguns funcionários públicos como professores, por exemplo. Duas pessoas trabalham como agentes de saúde, e outra com saneamento básico. Na aldeia temos artesãos que auxiliam com suas práticas a renda familiar. Todas as pessoas são importantes para formação dessa comunidade.

Desde quando seu Alcindo era criança, ele conta que já passava por esse local que era um lugar de descanso, mas que ficava um bom tempo, de acordo com a sua história que há mais de quatro gerações do povo Guarani que já moraram nessa aldeia. Com a construção estrada asfalto BR que passa no meio da aldeia, foi demarcado 59 hectares, nos quais atualmente vivem 38 famílias com 150 de pessoas.

Também foi feito alguns levantamentos de registro que desde o bebê até quinze anos de idade têm quarenta e cinco no total, agente da saúde tem dados e número de crianças do

ano de dois mil e dezenove, de um ano até seis anos tem dezenoves crianças, tem vinte e cinco no total.

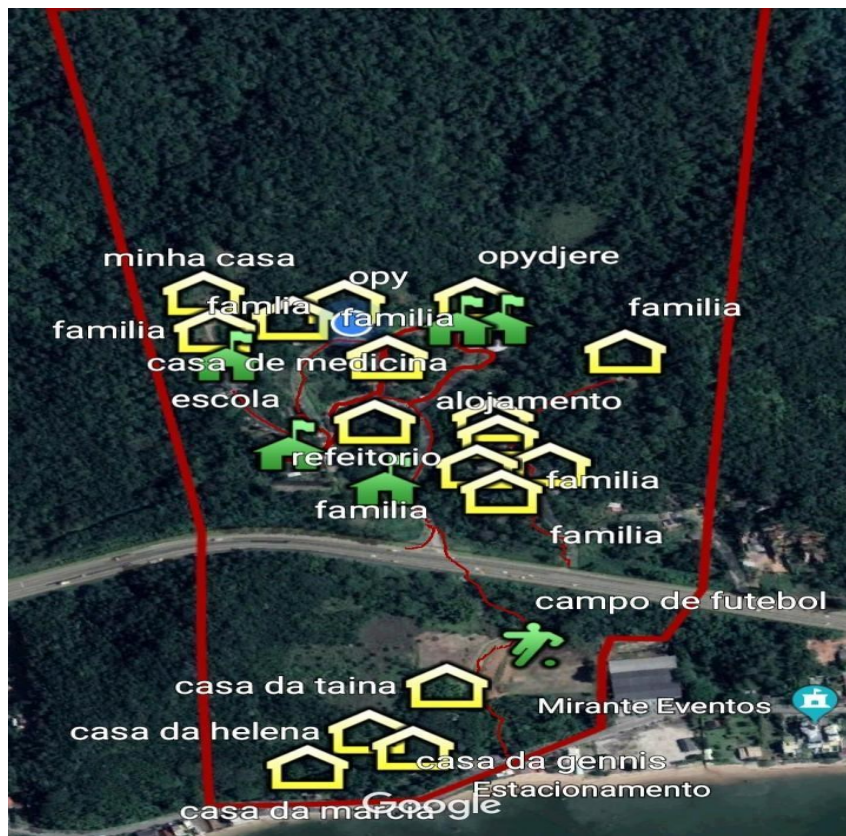


Figura 8 - Mapa da Aldeia M'Biguaçu Yynn Moroti Wherá, elaborado na disciplina de Cartografia da LII / UFSC, 2019.

2.3 Brincadeiras: ocasiões em que as crianças brincam (como as crianças brincam hoje).

No que se refere às brincadeiras, o dia a dia das crianças na comunidade, reuni várias fotografias dessas atividades que vou explicar nas legendas.



Figura 9 - Nas minhas observações e convívio na aldeia presenciei crianças realizando atividades com os mais velhos a partir de suas próprias descobertas. Nesta imagem, uma criança de dois anos despertou sua curiosidade ao ver os avôs trabalharem a terra com a enxada, repetindo a prática. Foto: da autora, 10/11/2019.



Figura 10 - Enquanto uma reunião de professores e alunos era realizada, essas crianças estavam entretidas com os joguinhos de celular. Foto: da autora, 26/11/2019.

**Figura**

11 - Num sábado pela manhã, perto da estufa das hortaliças, as crianças estavam brincando perto da mãe que capinava o terreno. Reforço a importância de socialização, da brincadeira entre as crianças e o respeito dos adultos diante desse evento. Foto: da autora, Março/2018.



Figura 12 - Durante a realização de um ensaio para a cerimônia espiritual do Xondaro, em agosto de 2019, crianças brincam um brincar descontraído, muito embora, acompanhando seus pais ali próximos. Foto: da autora, Agosto/2019.



Figura 13 - Enzo auxilia a avó na horta. Gesto dos mais velhos é repetido pelos mais novos. Aprendizado compartilhado. Foto: da autora, Novembro/2019.



Figura 14 - Colheita do milho para a cerimônia do batismo, em outubro de 2018.



Figura 15 - As crianças podem acompanhar seus pais a Opy (casa de reza) para participar de atividades, mas não são obrigadas. Nessa imagem, elas brincam. Foto: acervo da comunidade, 2018.



Figura 16- O espaço de dança do Xondaro é muito importante para comunidade. Ali é feito alguns ensaios do coral, aulas e palestras, ou até mesmo, as reuniões. O espaço é utilizado para os cantos durante o ritual da Busca da Visão, e também é um ponto de encontro de saberes da comunidade. Foto: Santiago Oliveira, Setembro/2019.

2.4 Influências das tecnologias na infância Guarani (hoje)



Figura 17 - Enzo assiste vídeos no Youtube. Foto: da autora, 2019.

Ao olhar para aldeia de M'Biguaçu na atual situação em que vivemos, é normal a gente ver muita criança andar com celulares e jogar vídeos-game. Ainda se vê muito o modo que as crianças fazem sua socialização em relação com outras crianças, de que modo eles comportam, também durante as atividades na comunidade as crianças acompanham sempre os pais, vejo as crianças brincando ao redor das mães principalmente. Outra observação é que eles não deixavam de olhar o que as mães

estavam fazendo, limpando ou plantando, algumas das crianças tinham a curiosidade de pegar as ferramentas, tocar nas plantas, na terra, até mesmo ajudar.

Hoje em dia é normal ter em casa os aparelhos eletrônicos como TVs, celulares entre outros, isso toda família acredito que tem. Nessa reflexão pretendo focalizar nos problemas e mesmo alguns ganhos e as fortes influências na atualidade enfrentada pela comunidade.



Figura 18 – Adailton Moreira e seu filho Enzo karai Nhembojere Aprendizado compartilhado. Foto: da autora, novembro 2019.

Segundo um dos entrevistados, é bem visível as mudanças que ocorreram com o uso das tecnologias pelas crianças. Ele diz que:

Pra mim hoje não é mais como antes, de quando eu era criança, pela questão da tecnologia a interferência é muito grande, no geral todas as aldeias têm celulares, TVs, videogames, brinquedos eletrônicos bem mais bonitos até mesmo os bebês já sabe mexer no celular e gosta de assistir televisão, por que no meu tempo não tinha nada disso, mas brincava muito até tinha brinquedo, mas não tinha tanto assim como hoje, até as crianças maiores sempre estão com celulares na mão, nem

brincam mais, e acho que nem pensam mais brincar. (Adailton Moreira, professor, 26 anos).

Na área de educação, esta pesquisa tem como objetivos de valorizar educação tradicional guarani, e que essa pesquisa possa servir como a base para ter ideia de como deve ser uma educação dentro da comunidade, atualmente. Sempre valorizando momentos únicos de vivenciar sua infância e pelas as necessidades de desenvolver seu aprendizado e de ensinar de cada criança, porque estamos presos nos sistemas inseridos pela sociedade que, infelizmente, de certa forma, é como escravidão. No sentido de termos que ter uma rotina diferente da nossa, com escola, trabalho assalariado, ficar atento ao relógio.



Figura 19 - Aos finais de semana as crianças brincam acompanhadas dos pais no campo de futebol. Foto: da autora, Outubro/2019.

Por que hoje as crianças devem entrar mais cedo na escola? Por que ter educação infantil na comunidade? Sendo que desde o início dos tempos remotos se aprendiam diversos assuntos que estão dentro da educação Guarani, sem precisar de educação infantil. Então, se tudo isso existe, por que não criar um espaço de vivências tradicionais com respeito à infância

guarani, ter um olhar de cuidados com as crianças, observando como estão vivendo e como está a situação atual e como vai ser no futuro?

Levando em conta as mudanças ao modo de se socializar com mundo dos brancos e a modernidade e as tecnologias, e que os pais e as mães já não têm como ficar com seus filhos em tempo integral para ensinar coisas do dia a dia. Isso ocorre por conta da exigência desse sistema imposto pela sociedade, da necessidade que vem surgindo ao longo do tempo de ter que trabalhar, até mesmo fora da aldeia, para sustentar sua família e para isso tem que ter estudo, formação em alguma graduação, se sentindo obrigada a se profissionalizar dentro dela, para sermos "cidadãos brasileiros". Nesse novo conceito de educação, sob esse ponto de vista, a criança precisa estar alfabetizada, porque ela como um indivíduo precisa ser inserido na sociedade. Mas ainda a cultura como todo está muito presente nas comunidades, todos os grupos de família ou comunidade tem seu próprio sistema de vida, suas regras, a autonomia da comunidade, mas como perpetuar os conhecimentos ancestrais do nosso povo sem deixar isso de lado. Uma situação semelhante foi apontada por Namblá (2015) a respeito da infância Xokleng e o uso das tecnologias:

Após o VÃNHKALA (contato com Eduardo Hoerhan em 1914), a cultura tradicional do povo sofreu um impacto muito grande e isto pode ser observado quando vemos que muitas crianças não brincam mais entre si e que os pais adquiriram aparelhos eletrônicos como televisão e mais recentemente, videogame, celular e por último computador e internet. Tudo isso têm contribuído para muitas mudanças no sistema tradicional de ensino e aprendizagem. (NAMBLÁ, 2015, p. 31).

Infelizmente não dá para voltar a viver uma infância igual ao passado, os conhecimentos e tecnologias dos *jurúá* estão impostos dentro da comunidade. Porque não adaptar? E usar essas novas ferramentas, como mecanismos de passar conhecimento, que nos favorece em método de ensino na comunidade, na fase de acompanhamento da vida diária das crianças na aldeia, na casa, durante as atividades coletivas, em alguns episódios quando acontece evento grande na comunidade.

Nas observações feitas com as mães ou pais, percebi que algumas apenas acompanhavam, ficavam de longe cuidando, enquanto seus filhos brincam, todo mundo junto, isso é normal. As crianças se envolvem em brincadeiras sem deixar de participar das atividades do evento até mesmo no espaço sagrado, como na casa de reza, que é um espaço onde se aprende. Ali as crianças observam tudo o que acontece, quais interatividades que existem entre crianças, o que já aprenderam na casa com a família. Então, a escola na comunidade é mais um dos pontos de encontros de saberes, não é o único lugar onde aprendem.

Observei que com o uso dos celulares ou mesmo a televisão faz as crianças se isolarem, ao invés brincarem todos juntos e diminui a interatividade com outras crianças e adultos.

Mas é importante olhar também que se souber ter equilíbrio no uso da tecnologia, isso trará outra parte boa de aprender e aproveitar seus registros



Figura 20 - Cotidiano em casa. Manhã durante a semana. O mais velho estuda de tarde (centro da foto comendo uma banana). As três crianças ainda não frequentam a escola. Os quatro assistem o desenho da Patrulha Canina, mas o pequeno Ryan joga ao tablet. Foto: da autora, 27/11/2019.



Figura 21 - Mesmo com outras atividades, o aparelho celular chama muita atenção das crianças. Ryan (ao meio da foto) joga ao tablet. Crianças deixam os carrinhos e outras atividades lúdicas pelo celular. Foto: da autora, outubro e novembro de 2019.



Figura 22 - Crianças da aldeia ao celular e tablet. Foto: da autora, novembro/2019.

2.5 Situações linguísticas na infância

Nas gerações anteriores, as crianças normalmente aprendiam como primeira língua o guarani, mas quando volto a olhar nos dias atuais em que vivemos percebo que houve sim as mudanças pelo uso da língua pela influência de tecnologia. Os conhecimentos dos nossos antepassados eram e ainda são transmitidos na casa de reza e no convívio familiar, mas hoje em dia até mesmo na escola. O uso da tecnologia pelas crianças altera o modo de aprender da criança guarani, pois elas passam a não acompanhar mais seus pais na vida cotidiana.

Hoje em dia na cultura guarani vem tendo grande preocupação com a segurança das crianças. As pessoas entrevistadas falaram ter medo de quase tudo por seu filho(a) se machucar, medo da influência de tecnologia, medo da violência que tem aumentado medo da movimentação de muitos carros na BR que passa no meio da aldeia, insegurança tudo por causa das mudanças ou até mesmo das transformações no sistema tradicional que na verdade isso é visível quando vejo os pais proibindo seus filhos de saírem na rua, para não sujarem a roupa, para não se molhar na chuva, para não ficar doente e assim por diante. E assim os pais deixam mais seus filhos ficar dentro de casa assistindo televisão e jogando, e assim sucessivamente.

A criança tem mais interesse em mexer no celular ou assistir televisão, e deixa de brincar e de interagir com outra criança que está ao seu redor.

Valorizar a infância Guarani Mbya e fortalecer o modo de viver em comunidade e repassar os conhecimentos da própria cultura que é importante mesmo sofrendo grandes influência de tecnologias. Fortalecer modo de ensinar tradicionalmente que é compreender a concepção do mundo da criança e aos cuidados e repassar os conhecimentos através das narrativas, brincadeiras e jogos, histórias contadas, cantos e danças.

Ao longo do desenvolvimento da criança, no convívio cotidiano, percebi a importância de valorizar o uso da língua materna. Durante as entrevistas fiz alguns questionamentos sobre uso da língua, e percebi que muitas palavras em guarani já não são mais faladas e nem ensinadas nos dias de hoje. Tais palavras ainda são usadas apenas pelas pessoas mais velhas da comunidade, como entrevista com Adailton Moreira fala da preocupação para pensar mesmo:

"Eu tenho um filho, como pai eu penso e tenho preocupação, que ele precisa mais e brincar um pouco mais, para não ficar tão dependente das coisas dos Juruá, porque a criança mexe no celular ou assistir

televisão não querem mais saber de brincar fora de casa, ficam ali parados muitas vezes comem sentado, porque não tem mais vontade brincar, pensando no meu filho eu também tem que ensinar as coisas pra ele, porque não vivemos mais antes também minha preocupação de passar dois conhecimentos. Mais importante e não se apegar tanto das coisas dos Juruá ele precisa aprender as coisas do nhandereko porque ele vai crescer vai tornar adulto e vai ter família, que hoje vivemos no meio dos Juruá ele precisa adquirir dois conhecimentos que são conhecimento científico e nossa cultura. Pra mim hoje, vejo que as crianças já pegaram tanto costumes o jeito dos Juruá, por que se nos que somos pais e mães não se preocupar com isso de ensinar de como educar nossos filhos eles não saberão nada...". (Entrevista realizada em 01/10/2019).

Então, pude ver o que ocorre com meu filho de 2 anos. Minha língua materna é Guarani. Não costumo conversar com ele em português. Mesmo assim ele já aprendeu muitas coisas em português como nomes de objetos e animais, as cores, as letras. Como? Através do uso do celular para vídeos e jogos infantis e também da televisão. Durante minhas observações nas atividades diárias das crianças da comunidade e no convívio familiar, percebi que nos dias atuais as crianças aprendem a língua portuguesa mais cedo do que se costumava aprender.

Isso ocorre principalmente porque o mundo da tecnologia está cada vez mais presente: TVs, videogames, celulares, jogos online, brinquedo eletrônico. E porque as crianças não têm mais acompanhado os pais e avós nas suas atividades diárias, que são os momentos de aprendizagem da nossa língua e do nosso modo de ser. Por exemplo, meus sogros gostam de plantar na roça deles, nossa alimentação vem basicamente dessa roça, mas as crianças não acompanham prá ver o que estão fazendo. Estão perdendo momentos ricos de aprendizagem, como me lembro que acontecia na minha infância, que ia junto com minha avó plantar a roça, ficava lá brincando, mas estava todo mundo junto e interagindo.

CAPÍTULO 3 - PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA PARA AS CRIANÇAS GUARANI

Na concepção atual do sistema dentro da sociedade brasileira, um indígena pode tornar-se capacitado pelo sistema dos *Juruá* como educador, como tantas outras profissões. Mesmo assim, sem dúvida alguma, vão ter e sempre há mais a aprender no baú de conhecimentos dos mais velhos, junto com eles podemos aprender muito. Infelizmente, é visível que muitas crianças de hoje já não vivenciam mais esse momento lindo de aprender livremente, ainda que seja difícil seguir para o mesmo caminho de antigamente. Mas acredito que todos nós temos a missão e responsabilidade de ensinar nossos filhos, ou seja, como educador e pai e mãe, como anciões da comunidade, a missão é ensinar e repassar os conhecimentos para as crianças é de todos.

O melhor orientador para nosso conhecimento adquirido são também os mais velhos da comunidade e professores que atuam na aldeia. Na educação escolar indígena, os brancos não nos educam, como nos tempos dos antigos. Nossos anciões, bisavós e avós foram ensinados pela oralidade e nas atividades e práticas diárias. Por isso, sabe-se que os conhecimentos e a sabedoria guarani não se encontram no papel, nunca foram escritos, porque os que viveram antes de nós usaram bastante atividades, e nas práticas e oralidade, mas desde o primeiro contato com um mundo novo e com povos ocidentais sabe-se que houve a necessidade de se comunicar em outras línguas e de outros modos. Tanto é que, hoje, sem escrita, nossos conhecimentos não têm tanta validade assim.

Mas ainda assim, tendo escrita ou não, há uma preocupação em perpetuar nosso modo de ensinar, de cuidar da saúde, da boa alimentação, dos animais e, enfim, da natureza que nos rodeia.

É muito importante dar atenção à infância das crianças pequenas, **kyringuaxu oguata va'e**, tanto para ter melhor resultado dentro da educação escolar, que é imposição do sistema branco, quanto para sua formação como pessoa guarani. Eu diria que as nossas crianças são a base para olharmos para o futuro. Nessa proposta de um espaço de convivência para os pequenos, podemos trabalhar simplesmente com a imaginação e a criatividade deles, entrar no seu mundo, no universo das crianças, trabalhar com conhecimentos já adquiridos pelas crianças antes de entrar no Ensino Fundamental na escola da comunidade.

Apesar de termos nossas diferenças, é muito importante mostrar para a sociedade não indígena a cultura do nosso povo, a identidade da nação guarani. Sabemos que já não temos

muitas opções e alternativas que se distanciem do sistema dos brancos e que somos afetados diretamente, a exemplo da constante inserção de tecnologia em todos os sentidos em nossas vidas. Entretanto, qualquer criança da aldeia pode aprender coisas novas, mas sem deixar sua identidade cultural, a qual pode ser também fortalecida nesta proposta de espaço de convivência pré-escolar, que incentive desde cedo o aprendizado às práticas e brincadeiras de nossa tradição. Um espaço onde possam conviver e brincar juntas, fazendo diversas atividades culturais pela aldeia com as pessoas responsáveis que irão desenvolver um ensino diferenciado de acordo com a idade e com essa faixa etária. Ao mesmo tempo, este projeto visa atender as necessidades das mães e dos pais quando quiserem e precisar deixar seus filhos para trabalhar.

Esta proposta para a comunidade visa refletir sobre a educação das crianças que ainda não se encontram em idade escolar, para desenvolver um espaço de convivência para elas em que sejam oferecidas atividades relacionadas à nossa cultura. Este espaço poderá também ajudar os pais que não tem tempo de ficar integralmente com as crianças na casa por causa dos seus afazeres. A proposta é que, no período vespertino durante a semana, a criança possa ter outras atividades e experiências, adquirir novos conhecimento e também envolver nesse trabalho toda comunidade. Espero que este trabalho possa contribuir como um modo de convivência mais autêntico de oferta de educação pré-escolar.

3.1 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

Um projeto de espaço de convivência como um espaço exclusivo para as mães e para as crianças de 3 a 5 anos porque, nessa fase, os adultos já conseguem se comunicar com a criança. Porém, nessa fase, a criança precisa de muita atenção e cuidado de um adulto e também é importante que possam conviver com outras crianças e adultos.

3.2 OBJETIVO GERAL

Desenvolver um espaço de convivência para as crianças que ofereça o máximo possível de experiências de uma educação tradicional. Dentro desse espaço, a criança possa ser ensinada de forma natural, que a criança possa ser compreendida, ser valorizada, ser acolhido o conhecimento trazido por ela. Pretende-se que o uso da tecnologia também possa ser usado de maneira que ajude no aprendizado das crianças.

3.3 JUSTIFICATIVA

Outra observação importante que eu fiz durante toda pesquisa é que também existe a necessidade das mães que fazem artesanatos, também as que são universitárias (os). Quando uma mãe precisa fazer um artesanato, ela precisa ter seu tempo para fazer, e aí entra a questão de como cuidar de uma criança pequena. Para que uma criança não interrompa suas atividades, é normal uma mãe deixar seu filho assistir televisão ou dar celular para jogar ou até mesmo se a criança for mais pequena, acaba se interessando em mexer no celular. Contudo, a criança deixa de ser estimulada e incentivada para brincar, correr, pular, falar, gritar, ou deixa de ter curiosidade em brincar. Tendo em vista toda essa necessidade das mães e das crianças, foi pensado esse espaço onde possam estar junto com outras crianças e aprendendo tudo relacionado à nossa cultura, nossos costumes, nossos cantos e história, nossas brincadeiras.

3.4 METODOLOGIA

A educação diferenciada e intercultural, que é justamente articular o conhecimento cultural tradicional com o conhecimento científico dos não indígenas, poderá ser contemplada com prioridade ao ensino do conhecimento tradicional.

Nesta proposta, pretende-se valorizar as brincadeiras educativas como tendo um papel importante no desenvolvimento e aprendizagem da criança. É preciso desconstruir a ideia tão arraigada de que brincar é meramente se divertir. É necessário que se coloque a brincadeira em seu devido lugar no ambiente escolar, verdadeiramente, com professores/as indígenas que promovam e incentivem o fortalecimento das atividades e práticas tradicionais de nosso povo. Sabemos que a brincadeira está muito, muito longe de ser coisa pouca. Para nós, o brincar é algo sagrado.

As atividades que podem ser desenvolvidas, como exemplos:

- Primeiro tem que ter espaço de convivência, um ponto de encontro para as crianças;
- Ter atividades criativas, como andar pela aldeia, visita na área de plantio, na horta, entre outros espaços da aldeia;

- Também usar instrumentos como celular, a própria criança pode usar celular para filmar ou gravar áudio, tirar fotos para compartilhar com todos;
- Contar histórias e narrativas;
- Trazer algumas brincadeiras e jogo que eles sabem, até mesmo chamar algumas pessoas mais velhas para contar ou ensinar algumas que eles tenham vivido durante sua infância;
- Atividades ligadas à cultura, costumes e tradição;
- Brincadeiras que tratam de conhecimentos ligados à natureza e espiritualidade;
- Ensinar e aprender sobre animais.

Brincar é viver e aprender a viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com as crianças não é transferir conhecimentos que adquirimos dentro da sala de aula ou fora da escola, e sim trabalhar de acordo com a necessidade de todas as crianças, fazer com que as crianças gostem de aprender e ao mesmo tempo ser desafiado pelas perguntas e curiosidade. Sem esquecer o que aprendem na casa e que isso possa vir a somar depois para os seus conhecimentos, para que a escola futuramente se torne interessante, para as crianças. Sabe se que na atualidade a educação também tornou uma ferramenta importante para valorizar e fortalecer nossa identidade cultural e a nossa língua.

Hoje tem as comunidades indígenas urbanas e algumas aldeias mais afastadas da cidade. Na situação atual, as crianças indígenas já utilizam bastante brinquedos industrializados e celulares, tablets e jogos que são altamente viciantes. Também há muitas propagandas pelas mídias, eu penso que não é aconselhável até mesmo para a questão da saúde das crianças da comunidade. Devido a essas evoluções de tecnologias e pela imposição de demandas dos governos, hoje se vê as crianças sair cedo pra estudar na escola tendo que cumprir os horários. Mas a questão é o que eles devem aprender na escola? Eles aprendem livremente ou são obrigados a aprender? Precisa aprender dessa forma?

Eu procuro adquirir mais conhecimentos nesse curso para eu levar esses meus conhecimentos e adaptar na comunidade, ensinar e aprender mais com as crianças. Porque, infelizmente, não podemos voltar atrás no passado, mas acredito que ainda pode ser trabalhado na educação de forma tradicional podendo torná-la ainda mais interessante para as crianças e valorizar os conhecimentos de todas as crianças.

O que me motivou para fazer essa pesquisa, com todas as bagagens de experiência durante trabalho com uma de turma educação infantil anterior. Trago uma preocupação que é bem relevante pela questão dos avanços tecnológicos, e também um novo olhar pela educação das crianças da comunidade, por que não trabalhar com a interculturalidade dentro educação nessa faixa etária?

O processo de aprendizagem das crianças apresenta sem muitos conteúdos nas escolas indígenas, não tem quase nada em materiais didáticos, só tem livros, tendo um espaço na comunidade, porque não explorar aldeia toda num lugar que tenha os bichinhos, plantas, brincadeiras populares ou conhecidas pelos mais velhos ou até mesmo pelos pais, comidas tradicionais, ensinar a valorizar seus conhecimentos ancestrais, fazer passeio pelas casas da família, ouvir histórias e fazer brincadeiras. Por isso, eu procurei tratar de que um tema muito importante para pesquisa e reflexão, para se pensar como ensinar as crianças sem deixar de

viver sua infância livremente, mas sim viver feliz na sua infância aprendendo as coisas da sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENITES, Sandra. **“Viver na língua Guarani Nhandewa: mulher falando”**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.

COHN, C. **Concepções de infância e infâncias**: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, mai-ago, 2013.

NAMBLÁ, Marcondes. **Infância Laklãnô: Ensaio Preliminar**. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC. Florianópolis, 2015.

SALLES, C.; PIERRI, D.; CASTILLA, E.; LADEIRA, M. (org.). **Atlas das Terras Guarani no Sul e Sudeste do Brasil**. Centro de Trabalho Indigenista – CTI, 2015.

TASSINARI, Antonella Tassinari. **Concepções indígenas de infância no Brasil**. *Tellus*, Campo Grande-MS, ano 7, n. 13, p. 11-25, out. 2007.

MARTINS, Davi Timóteo. **Kyringuei'Kuery: noções nativas de infância, aprendizagem e desenvolvimento da pessoa**. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC. Florianópolis, 2015.